

BENEDITA MARIA VIEIRA DE CARVALHO



LETRACAPITAL

Copyright © Benedita Maria Vieira de Carvalho, 2019

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem
os meios empregados, sem a autorização prévia e expressa das organizadoras.*

EDITOR João Baptista Pinto
PROJETO GRÁFICO Rian Narcizo Mariano
CAPA Hélio Juber
REVISÃO Da Autora

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C321e

Carvalho, Benedita Maria Vieira de, 1947-
Elas vão a luta [recurso eletrônico]: o cotidiano de uma redação de jornal on-
line com crimes, suspense, política brasileira, romance e luta das mulheres por
seus direitos / Benedita Maria Vieira de Carvalho. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra
Capital, 2019.

recurso digital: 5 MB

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 9788577856534 (recurso eletrônico)

1. Ficção brasileira. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

19-55571

CDD: 869.3

CDU: 82-3(81)

Leandra Felix da Cruz - Bibliotecária - CRB-7/6135

LETRA CAPITAL EDITORA
Telefax: (21) 3553-2236/2215-3781
vendas@letracapital.com.br

Benedita Maria Vieira de Carvalho

ELAS VÃO À LUTA

O cotidiano de uma redação de jornal on-line
com crimes, suspense, política brasileira, romance e luta
das mulheres por seus direitos

LETRAPITAL

Dedico este livro às bravas mulheres
que tombaram pela bandeira dos Direitos Humanos,
aqui representadas pela freira Dorothy Stang,
assassinada em 2005, em Anapu, Pará,
por sua defesa dos “pobres mais pobres” em seu
Projeto de Desenvolvimento Sustentável Esperança
e por Marielle Franco, também brutalmente assassinada
no Rio de Janeiro por sua luta
pelos direitos da população negra e LGBT.

Sumário

CAPÍTULO I - Buscando o autoconhecimento	7
CAPÍTULO II - A melhor amiga em apuros	14
CAPÍTULO III - O sequestro do deputado	18
CAPÍTULO IV - O primeiro encontro.....	22
CAPÍTULO V - A entrevista com o presidente	26
CAPÍTULO VI - O segundo encontro	29
CAPÍTULO VII - Em defesa dos direitos da mulher	33
CAPÍTULO VIII - Racismo no jornal?	37
CAPÍTULO IX - Como lidar com sequestradores	41
CAPÍTULO X - O amor vai se aprofundando.....	46
CAPÍTULO XI - O início das investigações. Quem matou o Almeida.....	51
CAPÍTULO XII - As investigações prosseguem engatinhando....	55
CAPÍTULO XIII - As investigações continuam sem avanço	58
CAPÍTULO XIV - A busca pelo autoconhecimento continua ..	61
CAPÍTULO XV - Sobre sair do armário	64
CAPÍTULO XVI - As investigações ainda buscam o assassino...	67
CAPÍTULO XVII - Nem todos os homens são machistas	72
CAPÍTULO XVIII - Um novo apaixonado?.....	77
CAPÍTULO XIX - As investigações começam a evoluir	81
CAPÍTULO XX - As investigações chegam ao fim.....	85
CAPÍTULO XXI - Os romances estão em perigo	89
CAPÍTULO XXII - Enfim, o assassino do Almeida.....	93
CAPÍTULO XXIII - O reencontro com o passado.....	98

CAPÍTULO XXIV - O caminho para se libertar do passado	102
CAPÍTULO XXV - Como entender as tramas do coração?	106
CAPÍTULO XXVI - Corrigindo os desencontros	110
CAPÍTULO XXVII - As coisas vão se encaixando.....	112
CAPÍTULO XXVIII - A origem dos seus traumas.....	116
CAPÍTULO XXIX - O reencontro.....	120
CAPÍTULO XXX - A explicação final da origem de seus traumas.....	127
CAPÍTULO XXXII - As perspectivas sombrias para a política brasileira.....	132
CAPÍTULO XXXII - Vencendo as barreiras emocionais.....	136
CAPÍTULO XXXIII - O grande reencontro	139
CAPÍTULO XXXIV - As sombras da política brasileira nas férias de amor	143
CAPÍTULO XXXV - Desvendando Hamburgo	148
CAPÍTULO XXXVI - Uma viagem de sonho	151
CAPÍTULO XXXVII - O sonho continua.....	155
CAPÍTULO XXXVIII - Enfim Paris	160
CAPÍTULO XXXIX - A volta ao lar.....	165
CAPÍTULO XL - Na volta ao trabalho uma descoberta terrível.....	171
CAPÍTULO XLI - Como realizar o seu trabalho sem ser conivente com um crime??	176
CAPÍTULO XLII - Saia justa na cobertura do crime do senador	182
CAPÍTULO XLIII - Novo reencontro com seu amor	187
CAPÍTULO XLIV - A volta definitiva do seu amor	194
CAPÍTULO XLV - A vida continua.....	198

CAPÍTULO I

Buscando o autoconhecimento

Laura saiu do consultório do Dr. Otávio, na Rua Conde de Bonfim, e andou rápido em direção ao metrô da Praça Saenz Peña. Ela precisava estar às três horas na Redação e já eram duas e quarenta e cinco. É que o Dr. Otávio não é um psicólogo como os demais, que, ao chegar aos cinco minutos antes da hora de terminar a sessão, já olha para o relógio e, ao chegar a hora prevista, interrompe o paciente com as simples palavras: “Na próxima sessão a gente termina esse assunto”. Não, o Dr. Otávio aproveita os momentos importantes em que ela libera as travas de seu inconsciente e põe pra fora todas as mágoas guardadas desde a infância e que são os pontos chave de suas inseguranças. E aí ela despeja todas as lembranças doloridas da rejeição materna, das coisas duras que lhe foram ditas em momentos de raiva e que fizeram com que cristalizasse dentro de si o sentimento de incapacidade, de feiura, de menor valor.

Ela caminha rápido, mas sua cabeça ainda está digerindo tudo o que discutiu com seu terapeuta. Ele fez com que analisasse objetivamente tudo o que a fazia se sentir menos diante de alguma situação. Por exemplo: o quesito beleza. Ela sabia que era bonita, até porque todos diziam isso. O quesito capacidade: ela sabia que era capaz, porque concluiu todos os seus cursos de educação formal com desempenho acima da média. Na faculdade, onde cursou jornalismo, ela se destacou em todas as matérias e principalmente naquelas específicas da comunicação, recebendo elogios de vários professores, jornalistas experientes, que pressagiaram seu sucesso profissional. Isso certamente fortaleceu sua autoestima, mas restou a insegurança no plano sentimental. Esse é realmente o seu ponto fraco, mas ela começa a corrigir esse problema. Ela sente que já está se liberando do ressentimento de sua mãe, que agora ela compreende

como vítima também da educação que recebeu de seus pais, pessoas rudes e sem amor.

Laura é uma jovem de vinte e sete anos, alta, esguia, com olhos negros muito grandes e expressivos, emoldurados por cílios igualmente grandes e negros, que transparecem a sua inteligência vivaz. Além da beleza física, é dona de uma personalidade forte e um caráter irreprovável.

Às três e quinze ela chega à estação Carioca e em cinco minutos chega à redação do Jornal O Mundo, versão *on line* do grande jornal impresso, da Rede de Comunicações O Mundo, onde trabalha há dois anos. Chega de mansinho e fica contente porque ninguém pareceu reparar em seu atraso. Estavam todos em polvorosa com as últimas notícias da iminência de um golpe de estado no país, sob o comando de um grupo importante de deputados e senadores dos maiores partidos, todos em conluio com a grande mídia, setores do Judiciário e das Forças Armadas. Um golpe de direita com o objetivo de colocar no Governo pessoas afinadas com os interesses das grandes corporações.

O chefe da Redação, Sérgio Almeida, chega até à sua mesa com ar de censura e vai logo perguntando:

- Onde você estava, que eu te procurei várias vezes?

- Eu estava no médico e avisei antes, lembra?

- Ah! É verdade. Preciso que você redija as notícias que o Cláudio apurou junto ao Comando Militar. O Lúcio vai te mandar as imagens.

- Pode deixar. É pra já. É só isso?

- Não, tem mais alguma coisa, mas eu falo depois. Quando você terminar essa matéria, vai à minha sala, que eu quero conversar com você.

- Tá bem.

Sérgio Almeida é um homem de quarenta e cinco anos, já meio calvo e com pequenas bolsas se formando embaixo dos olhos. Seus olhos pequenos se apertam quando está com raiva, ou confuso. É branco e pálido, do tipo de quem não toma sol e seus músculos são flácidos, como quem não faz exercícios físicos. Suas ideias também são flácidas, se assim podemos chamar alguém que não tem opinião firme sobre os principais temas da nossa

sociedade, seja no plano político ou social. É ao mesmo tempo autoritário com os subordinados e bajulador com os superiores, especialmente com os donos do jornal, embora ele nunca tenha oportunidade de estar com eles. A sua bajulação é por intermediação dos superiores imediatos, que ele acredita que levarão sua admiração incondicional até aos poderosos chefões.

Ele está há muitos anos no jornal e possivelmente vai morrer lá, porque procura cumprir suas funções sem nada questionar e esforçando-se sempre para dar o melhor de si pela empresa. Assim ele chegou à chefia da Redação.

Sérgio Almeida é casado e tem dois filhos. Sua mulher é dona de casa, e faz o tipo “recatada e do lar”, sem, entretanto, ser bela.

Mas, o Almeida aprecia as mulheres mais jovens e, sobretudo as mais bonitas. Sabe-se que algumas estagiárias acabaram se submetendo aos seus assédios, ou por medo de perder o estágio, ou pela promessa de contratação.

Apesar do ruído constante da Redação, os ouvidos e os sentidos de uma maneira geral se ajustam para regular o tom da voz, para que o seu interlocutor o ouça, mas não o colega da mesa vizinha, ou para perceber a aproximação de alguém. Então, Laura levantou os olhos para a chegada de Miriam, sua colega. Ela veio chegando com seu andar balanceado, a cabeça bem erguida e o olhar cobrindo toda a área, como quem faz um reconhecimento estratégico do terreno. Debruçou-se sobre a mesa e começou a falar bem perto de Laura.

- Quer apostar que esse golpe vai dar em nada?

- Lá vem você com suas previsões... Você tomou conhecimento de declarações de algum analista político, ou consultou as cartas?

- Consultei as cartas, claro. Mas ninguém precisa saber disso.

- Qual o problema de se saber que você joga as cartas do tarô?

- Vários problemas: o primeiro é que iriam me ridicularizar e o segundo é que não me deixariam em paz para que eu consulte as cartas para qualquer problema pessoal que tiverem. É sempre assim. Acham-se superiores, acima das crendices e superstições, mas a qualquer probleminha pessoal, vêm correndo pedir: “Tira

as cartas pra mim? Eu tenho que tomar uma decisão e preciso de uma ajuda urgente”.

Laura dá uma risada e Miriam a imita, o que suscita a intervenção de alguém, que grita:

- O que tem de tão engraçado aí?

- Meta-se com sua vida responde Laura, e completa baixinho - veado!

Isso faz Miriam rir mais ainda.

Miriam de Castro é uma mulher de seus trinta e cinco, quarenta anos. Alta, seios abundantes, corpo bem desenhado, mas o rosto guarda certa amargura, mesmo quando ri ou conta piada. Isso se reflete pelos vincos fortes ao lado da boca e pelo olhar, que às vezes repousa no nada e parece ali se perder. É divorciada e tem três filhos que a sua mãe cuida, enquanto ela trabalha. O marido a trocou por uma garota mais jovem, magricela e sem graça. A pensão dos filhos é paga de maneira irregular, obrigando-a a se submeter ao vexame de procurar de vez em quando o ex-marido para cobrar e algumas vezes ter que ameaçá-lo de levar o caso à Justiça. Ela é boa repórter, por isso é respeitada como profissional. Entretanto, não passa disso há anos. Mesmo sabendo de sua competência, as melhores matérias, sobretudo aquelas que contemplam viagens interessantes, são distribuídas entre os homens. Isso já foi motivo de discussão e revolta das repórteres, que sabem que a sua situação é bem delimitada. A sua carreira está regulada pelas atitudes que elas adotarem em relação ao domínio masculino no jornal. Se elas se colocarem como dondocas prestativas, que não reclamam, aceitam protagonizar os papéis mais insignificantes, mas, mesmo assim, são gentis com os colegas, principalmente os chefes, tudo bem. Elas permanecem no emprego. Mas, se ousarem exigir igualdade de tratamento, inclusive salários iguais, aí não tem caminho. Há também a possibilidade de prestarem serviços sexuais para seus chefes. Nesse caso, elas podem até ascender na carreira, se forem discretas, exclusivas e jamais permitirem que as esposas venham a desconfiar da relação extraconjugal. Miriam não se submete a isso, isto é, não aceita os assédios. Mas não desafia os colegas. Faz de conta

que não entendeu. E também por ser mais velha, não é alvo de tantos interesses.

Mas também há homens interessantes na profissão. Há muitos jornalistas dignos, que inclusive se dedicam a defender em seus artigos os direitos da mulher e de outros segmentos discriminados de nossa sociedade. Jairo Amorim é um deles, “gostoso”, como diz Laura para as amigas, pois na verdade ela não o conhece pessoalmente, apesar de já se terem cruzado algumas vezes. Miriam sempre diz que o machismo não é exclusividade do meio jornalístico: “O machismo está em todos os lugares onde convivem homens e mulheres”.

Depois que Miriam foi para sua própria mesa, Laura avançou no trabalho e logo terminou a matéria. Enviou-a para o chefe e avisou que já ia embora. Ele pediu que ela fosse até à sua sala. Ela então apagou a tela do seu computador e foi até lá. Bateu na porta de vidro e ele fez sinal para que entrasse.

- Do que se trata, Almeida?

- Calma, não é nada demais. Só estou querendo conversar um pouco com você.

- Se não é assunto de serviço, podemos deixar para outro dia? É que eu já ultrapassei em muito a minha hora e eu não queria chegar muito tarde em casa.

- Você mora sozinha, não é?

- É sim, eu moro sozinha.

- E isso não te deixa preocupada? Com essa violência de nossos dias, uma moça precisa de companhia, quero dizer, de proteção.

- Não se preocupe, eu sei me cuidar. Além de tudo moro em um condomínio bastante protegido. Quem vai querer me atacar se eu não sou rica, não tenho dólares e euros em casa, então, não sou de interesse de ladrões.

- Mas não é a isso que eu me refiro. Você é uma garota muito jovem e muito bonita. Você sabe que é bonita, não sabe?

- E o que tem isso?

- Você é muito desejada. Você já deve ter notado como os homens aqui te olham.

- Na verdade, eu nem presto atenção a isso. Não me interessa esse tipo de coisa.

- Mas devia. Isso pode se reverter em grandes benefícios para você.

- Não estou entendendo, Almeida. Eu acredito que tenho que ser uma boa profissional. Só isso. Você está satisfeito com o meu trabalho?

- Claro, claro. Você é das melhores. O seu trabalho é melhor do que o de muitos dos nossos profissionais mais antigos e respeitados pela competência.

- Então, porque eu ganho muito menos que eles?

Ele vira-se para trás e dá uma risada. Depois, olha para ela com o seu olhar mais condescendente e diz:

- Querida, você chegou há pouco tempo, eles já estavam aqui quando você chegou.

- Os mais velhos, é verdade. Mas há muitos outros que chegaram depois de mim e ganham muito mais. Por quê?

- Bem, não era sobre isso que eu queria conversar com você. Podemos falar sobre isso em outra ocasião.

- É, mas já que entramos nesse assunto, que tal aprofundar mais alguns pontos?

Nesse momento, ele olha para ela com aquele ar apalermado que lhe é característico, apertando muito os olhinhos já tão pequenos. E ela continua:

- Todos nós sabemos que temos aqui pelo menos dois repórteres que só dão furos, isto é, não furos jornalísticos, mas fazem merda o tempo todo, cometem os erros mais elementares, inclusive de português. E, no entanto, levam uma bronquinha aqui, outra ali, mas permanecem muito bem, recebendo as melhores matérias para fazer, que poderiam ser feitas pela Miriam ou por mim. E ainda recebem mais que nós. Porque isso? Você pode me explicar?

- Querida, não se exalte. Eu vou verificar isso. Vou ver como é possível corrigir essa injustiça. Mas já aviso que só posso tentar, eu disse tentar corrigir o seu caso. Não tenho como resolver o problema da Miriam.

- Almeida, eu não estou reivindicando resolução para o meu caso. Eu estou falando de uma política da empresa, uma

cultura machista que impera aqui e que atinge todas as mulheres. E prejudica inclusive a vocês homens, porque vocês não conseguem evoluir. Isso se transparece nas matérias que vocês fazem, porque vocês deixam passar os preconceitos que têm, não só em relação às mulheres, mas a tudo que se refere à desigualdade, à intolerância e a muitas outras coisas mais que eu não vou explicar aqui, até porque eu nem devia estar falando sobre isso. Foi você que me fez desabafar.

- Laura, fique calma. Na verdade, eu só te chamei aqui porque eu queria te convidar para jantar comigo. Eu tenho estado inquieto, eu gostaria de conversar com você sobre coisas amenas, pra gente relaxar. O que você acha?

- Sinceramente, Almeida, eu não sou a melhor companhia para falar de coisas amenas. O momento não é propício, nem pra mim, nem pra você, aliás, eu creio, nem pra ninguém. Além de tudo estou com pressa. Preciso chegar logo em casa. Era só isso?

- Era. - Ele respondeu com cara de bunda, com os olhos muito apertados.

Laura volta para sua mesa, desliga o computador, pega a sua bolsa e sai.

CAPÍTULO II

A melhor amiga em apuros

Ao chegar à portaria de seu condomínio, eis que Laura se depara com uma surpresa. Júlia está à sua espera.

- Oi, amiga. Desculpe chegar sem avisar. O porteiro me falou que você não estava, então resolvi esperar.

- Porque você não me ligou? - pergunta Laura, abraçando a amiga.

- Eu não tinha condições de falar nada ao telefone. Eu estava muito abalada, então decidi vir direto pra cá, e foi bom, porque nesse meio tempo eu já me acalmei um pouco.

- O que aconteceu, Júlia? Você está me assustando.

- Vamos entrar e eu te conto tudo.

As duas se dirigem para a casa de Laura, que fica na metade da área geral do condomínio, um lugar bonito e arborizado, bem no início da Barra.

Júlia é casada com o deputado Alberto de Freitas, do PDB (Partido Democrático Brasileiro), que já mudou de nome quatro vezes, mas sem jamais mudar a sua ideologia de extrema direita. Ela é uma mulher bonita, formada em arquitetura e tem o seu escritório com uma boa quantidade de clientes nas mais abastadas classes. Casou-se muito nova com o jovem e promissor político, que à época pertencia ao PSN, Partido Socialista Nacional, e era um combativo vereador. Ao longo da carreira, Alberto deixou-se seduzir pelas promessas de enriquecimento rápido e acabou mudando para um partido de centro, depois passou para o atual partido declaradamente de direita. Nessa trajetória, foi mudando também de caráter e de comportamento, enquanto crescia o seu patrimônio. Antes uma pessoa gentil, que defendia as causas sociais, lutava pelos direitos humanos, pela distribuição justa da riqueza, transformou-se num egoísta, mentiroso, manipulador e até violento. Possivelmente os conflitos internos influem nesse